

Processos civilizatórios e sustentabilidade cultural na paisagem têxtil uruguaia

<https://doi.org/10.21814/uminho.ed.139.5>

Maria Carolina Garcia¹, Lucius Vilar²

¹ Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, maria.garcia@belasartes.br

² Universidad ORT Uruguay, luciusvilar@gmail.com

Resumo

Este estudo amplia o exercício de pensar a moda sul-americana além do imaginário eurocêntrico, buscando compreender diversas culturas originárias por meio do projeto têxtil do Uruguai. Durante o surgimento e a implantação da indústria têxtil no país, nota-se a ausência de um legado conectado ao passado cultural, artesanal e à formação profissional local. Investiga-se um universo nativo que foi dizimado e depreciado, buscando entender estruturas que, aparentemente, permanecem enraizadas na sociedade. Em paralelo, procura olhar a moda, o artesanato e as maneiras de vestir dos povos originários por meio dos adornos, estéticas e cosmologias destes povos. A metodologia adotada parte da pesquisa bibliográfica e da observação participativa proposta pela antropóloga Mirian Goldenberg (2004). A coleta de dados deu-se por meio de pesquisas de campo realizadas entre 2015 e 2020, quando foi possível observar que as empresas do setor apresentam dificuldades para formatar um projeto têxtil que leve em consideração a sustentabilidade cultural. Como resultado, a análise captura aspectos relevantes do design uruguaio contemporâneo, por meio do estudo de caso das produções de estudantes de Design de Moda da Universidade ORT Uruguay.

Palavras-chave

Sustentabilidade Cultural; Indústria Têxtil Uruguaia; Moda; Identidade; América do Sul.

1. Sustentabilidade cultural e indústria têxtil sul-americana

Com o predomínio do capitalismo e da globalização, com estruturas e hierarquias (Quijano, 2005), como podemos utilizar a moda e o têxtil como possíveis alternativas decoloniais? Uma possibilidade é fugir do imaginário europeu e começar a compreender o hibridismo cultural (Canclini, 2019) presente na América do Sul. Esse estudo visa entender qual é a relação estabelecida entre identidade, sustentabilidade e tecnologia no projeto têxtil do Uruguai. Busca-se pensar no têxtil como uma grande plataforma para refletir sobre identidade e sustentabilidade cultural. O têxtil e a tecelagem trazem diversas possibilidades de criação de tessituras. Já as técnicas vieram para criar diferentes construções têxteis. Essas configurações possibilitam a criação de uma identidade para destacar nossas origens.

Conforme Stuart Hall (2006), as velhas identidades, que, ao longo do tempo, predominaram sobre o mundo, entraram em declínio. Com o surgimento de novas identidades ou de novos caminhos identitários, há o início da fragmentação do mundo pós-moderno. Hall (2006, p. 7) chama esse movimento de “crise de identidade”. Ao explorar o contexto histórico de cada país e as transformações sofridas ao longo da industrialização e da globalização, o autor observa que a falta de conexão com o passado ancestral influencia a crise identitária pós-moderna. Para Hall (2006, p. 8), as identidades modernas são “descentradas” e podemos entendê-las como deslocadas ou fracionadas. Diferentes autores destacam a importância da cultura na constituição da identidade. Hall (2006, p. 8) está interessado na constituição das “identidades culturais”, associadas à relação de um indivíduo com a cultura nacional – no que diz respeito a aspectos étnicos, religiosos, raciais, etc. –, e à noção de “pertencimento”. Assim, o conceito de identidade permeia todo esse trabalho.

Para Edward Said (1990), o colonizado não percebe o valor da sua cultura. Especificamente neste estudo, observamos que as indústrias uruguaias possuem dificuldades de relacionar inspirações e criações e, nesta falta de metodologia, acabam na prática da cópia e no desenvolvimento de um produto genérico e sem valor local. Toda a cultura relacionada aos povos autóctones foi e continua sendo desprezada. É necessário um olhar decolonizador para nos conectarmos com os valores e a herança local sul-americana. Propomos, portanto, uma revisão das narrativas que envolvem o setor têxtil da América do Sul, com ênfase no Uruguai.

Para García Neira (2013), o design, a educação e a cultura estão interligados para a formatação de um projeto têxtil local. A autora menciona que, no Brasil, a falta de um legado e de um passado artesanal, a desvalorização da cultura local e a escassez do investimento na formação profissional prejudicaram a construção deste projeto. No Uruguai, como veremos a seguir, os motivos foram os mesmos: no processo histórico há uma diferença na evolução de cada país, mas o desinteresse do colonizador em capacitar e valorizar a cultura local influenciou este setor e sua identidade. Ambas nações demoraram a estruturar o segmento industrial têxtil. Tiveram concorrência dos produtos importados e, com isso, não conseguiram se profissionalizar e nem capacitar o setor. Também sofreram com o pouco investimento na capacitação local

e com o conhecimento limitado de práticas projetuais: estudos, matérias-primas, testes, observações mercadológicas, aprimoramento técnico e maquinário.

Embora tenham ocorrido diferentes processos históricos, é preciso considerar que, no período colonial, com o domínio das metrópoles sobre as colônias, não houve autonomia do Uruguai para sua respectiva formação cultural no âmbito do design de moda. As metrópoles não somente saquearam as riquezas das colônias, como não se preocuparam em criar alternativas para o desenvolvimento da identidade local. Isto influenciou a história posterior das nações colonizadas – especificamente, no que diz respeito ao escopo desse trabalho, a história do setor têxtil e seus desdobramentos pós-modernos.

A educação profissional e as etapas projetuais só se desenvolveram no decorrer da industrialização, mas a cultura da cópia e da reprodução já tinha se instalado no país. Assim, a falta de instrução e capacitação afetam o setor têxtil e também o de moda. A não existência de um legado artesanal e a não valorização da cultura local levam à contínua reprodução dos artefatos têxteis. Sem contar nas imposições e na valorização do design global, que subalterniza a história e o design local (ESCOBAR, 2004). Evidentemente, há exceções pontuais com focos de resistência, como no coletivo tecelão *Manos del Uruguay*. As marcas uruguaias *Manos del Uruguay* e *Cerrito de Indios* buscam desenvolver uma identidade com o tingimento natural e a estamparia botânica. Sem contar nas marcas que trabalham com diferentes técnicas com a lã merino, que acaba se tornando uma matéria-prima de grande valor local, como *Savia*, *Dom Baez*, *Calmo* e *Ana Livni*.

A partir de pesquisa bibliográfica, buscamos traçar o panorama do setor, partindo dos povos e passando pela colonização, até alcançarmos o mundo pós-moderno. Destacamos a relação com a identidade uruguiaia, com a noção de formação de uma sociedade caucasiana, em que “[...] o predomínio dos descendentes europeus era a [...] marca étnica do país” (Corte, 2017, p. 14), e com a ausência de conexão com a ancestralidade e os povos originários.

1.1. Processos civilizatórios e paisagem têxtil

Com o surgimento da tecelagem, tornou-se necessário o abrigo das matérias-primas, reiterado pela invenção do tear, que era grande, pesado e difícil de ser transportado. Estes fatores contribuíram para o processo de criação de pequenas comunidades sedentárias. Com a produção dos têxteis, surgiram diferentes técnicas, como a feltragem e a tinturaria – sendo que a segunda possibilitou variedade de cores e era utilizada para assinalar posições sociais (Laver, 2002). Inicialmente, as produções têxteis eram voltadas para a comunidade. Posteriormente, passam a ser trocadas entre povos. Com o aumento das navegações, diversos produtos – animais, plantas, tecidos etc. – eram negociados como mercadorias entre diferentes sociedades (Pezzolo, 2017).

Deste modo, as matérias-primas, as técnicas e os tecidos espalharam-se por todo o mundo e, com a interação entre os povos, foram introduzidos em outros países. As matérias-primas originárias de países diferentes passaram a ser cultivadas e adquiriram grande importância no cenário econômico de cada localidade. Com o objetivo de proteger a indústria têxtil e o mercado locais, os países europeus começaram a estabelecer barreiras em relação aos asiáticos. A partir disso, ocorre a mistura de materiais e de técnicas com diferentes origens. Estes fatores modificaram o sistema de produção do setor: a ideia era superar o sistema artesanal, promovendo, com isso, um sistema mais complexo. Mas ainda não havia uma lógica da moda (Lipovsky, 2009), como conhecemos nos moldes atuais. Podemos notar, no decorrer da história, diferenças culturais existentes em relação à confecção, às cores, aos padrões, aos bordados, às estampas, que foram fortemente influenciadas por cada sociedade em que os tecidos foram confeccionados. A arte do tecido possibilitou a criação de identidade.

No século XV, as invasões da Europa no Ocidente – denominadas “descobertas” – avançaram e ocasionaram a descrição, muitas vezes eurocêntrica e generalizada, do mundo. Dentro do processo histórico, sabe-se da capacidade do homem em relação a conquistar e a exercer o poder. Assim, com o crescente desenvolvimento das trocas comerciais, levando ao fortalecimento da burguesia europeia, temos os primeiros sinais do capitalismo comercial, conhecido também como capitalismo mercantil. A economia funcionava segundo esta doutrina, que defendia a necessidade de acumular riquezas, matérias-primas e metais preciosos.

O domínio europeu expandiu-se, então, pelas guerras, por saques e pela evangelização sobre os povos da Ásia, da África e, principalmente, da América, interrompendo a autonomia e o desenvolvimento das populações nativas. “A epopeia de espanhóis e portugueses na América combinou a propagação da fé cristã com a usurpação e o saque das riquezas indígenas” (Galeano, 2019, p. 33). O experimento problemático de implantação da cultura europeia sobre outros territórios marcou o mundo.

Os processos civilizatórios desencadeados por aquelas revoluções estão na base da reordenação da natureza, cuja flora e cuja fauna se estandardizaram largamente em todas as latitudes. Por eles se explica, também, a transfiguração dos povos ocorrida nos últimos séculos e que através da dizimação de milhares de etnias, da fusão de raças, de línguas e de culturas, deu lugar à presente configuração étnica do mundo. **Por eles, ainda, é que se explica a generalização crescente, entre todos os povos, das mesmas técnicas produtivas, dos mesmos modos de ordenação social e política e de idênticos corpos de saber, de crenças e de valores** (Ribeiro, 2016, p. 23, grifo nosso).

Na América do Sul, estes processos civilizatórios – a busca por integrar todos em uma civilização única e comum – levaram à uniformização cultural e socioeconômica dos povos. O resultado da expansão ibérica sobre a América foi um processo de uniformidade sem uma unidade (Ribeiro, 2017).

Por cima das linhas cruzadas de tantos fatores de diferenciação – a origem do colonizador, a presença ou ausência e o peso do contingente indígena e africano e de outros componentes –, o que sobressai no mundo latino-americano é a unidade do produto resultante da expansão ibérica sobre a América e o seu bem-sucedido processo de homogeneização (Ribeiro, 2017, pp. 21-22).

Os espanhóis iniciaram, em 1492, o processo de colonização das Américas pelas Antilhas. Efetivaram o seu projeto colonial nas terras a oeste do Tratado de Tordesilhas. As regiões exploradas foram divididas em vicereinos. O último vice-reino a ser formado correspondia às áreas que hoje formam a Argentina, o Paraguai e o Uruguai, além de pequenas porções do Brasil e da Bolívia. Fundado em 1776, ficou conhecido como ViceReino do Rio da Prata, “[...] uma área marginal dos domínios espanhóis” (Pellegrino; Prado, 2020, p. 24). A descrição deste território nos períodos pré-coloniais é praticamente inexistente. O interesse acadêmico é sempre maior a partir do período da colonização (Corte, 2017). A conquista dos espanhóis começou por outros territórios das Américas, em que foram encontrados recursos naturais e civilizações desenvolvidas. Houve tentativas fracassadas de ocupar o território próximo ao Rio da Prata (Corte, 2017), de modo que a ocupação e a colonização do território conhecido como Uruguai foi tardia.

A narrativa sobre a América Latina foi, então, a de um espaço imaginário, como definido pelo antropólogo francês Gilbert Durand (2012, p. 18). Para o autor, “[...] o Imaginário – ou seja, o conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do homo sapiens – aparece-nos como o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano” (Durand, 2012, p. 18). Surgiram histórias, inventaram-se mitos. A ideia por trás do conceito de imaginário vem com uma observação destes tópicos socioculturais (Durand, 2004), que foram criados sob a perspectiva do olhar do europeu: “É Cristóvão Colombo que, à procura da rota para as Índias Ocidentais, encontra um novo mundo” (Durand, 2004, pp. 98-99).

O desconhecimento sobre estas terras habitadas por diferentes povos encheu os europeus de fantasias, que se fundiram ao imaginário coletivo da Europa. O próprio Cristóvão Colombo morreu acreditando que teria chegado na Ásia pelas costas do país (Galeano, 2019). A verdade e o que era aparente se confundiam e isso deu origem ao imaginário latino-americano. Entender o imaginário irá nos ajudar a compreender a contradição da história criada a partir de uma ficção. Esta representação só teve uma versão, a europeia. Em *As veias abertas da América Latina*, Galeano (2019) demonstra que, além de terem um viés colonizador, as narrativas eram imposições culturais ou religiosas sobre os povos que foram encontrados neste Novo Mundo. [...] a escravização dos índios foi formalmente proibida no século XVI. Na verdade, não foi proibida, foi abençoada: antes de cada ação militar, os capitães da conquista deviam ler para os índios, na presença de um tabelião, um extenso e retórico *Requerimento* que os exortava à conversão à santa fé católica [...] (Galeano, 2019, p. 31). Devemos notar que tais imposições foram feitas sob um único ponto de vista, o eurocêntrico.

As descrições imaginadas dos países sul-americanos têm suas raízes conectadas à colonização. Elas foram criadas e inventadas para que estes países fossem interpretados como descobertas, como novos acontecimentos. Difícil imaginar o impacto e o significado da “descoberta de um Novo Mundo”. Novo, porque ausente dos mapas europeus; novo, porque repleto de animais e plantas desconhecidos; novo, porque povoado por homens estranhos. (Schwarcz; Starling, 2015, p. 21).

2. A ausência do relato têxtil no ponto de vista eurocêntrico

De modo geral, toda a narrativa sobre a história do Uruguai, incluindo toda a literatura, foi contada e escrita a partir do ponto de vista dos não indígenas, dos brancos (Corte, 2017). Há escassez de informações sobre as próprias histórias das antigas populações. Localizam-se majoritariamente relatos tardios de escritores e cronistas europeus, que tiveram contato com os indígenas que sobreviveram ao impacto militar, elaborados a partir do imaginário do colonizador europeu e da lógica de imposição de uma cultura e de uma fé sobre um povo nativo. Estes autores denominam a invasão de “descoberta”, denominam os índios de “selvagens” ou de “infiéis” e avaliam negativamente as diferenças culturais. No final, entendemos que as populações que já se encontravam nestas terras foram subjugadas, escravizadas, torturadas e massacradas (Galeano, 2019; Corte, 2017; Ribeiro, 2017).

Esta região da América do Sul, um território que atualmente é transfronteiriço e trinacional, foi habitada por diferentes etnias indígenas: os charruas, os minuanos, os guenoas, os bohan, os arachenes, os chanás, os yaros e, também, os guaranis, que não eram originários deste território (Corte, 2017). Durante o período conhecido como pré-colombiano, que abrange o povoamento original das américas, estas comunidades mantiveram relações diversas, desde relações de troca a embates (Corte, 2017).

Nesse estudo, vamos mencionar diversas etnias, grupos “[...] identificados sempre a partir do referencial do conquistador” (Corte, 2017, p. 17). Devido aos nossos propósitos, não abordaremos as especificidades de cada povo – até porque esta diversidade “[...] identificada pelos viajantes, desaparecerá dos registros com o passar do tempo, pois vão se unificando [...]” (Corte, 2017, p. 19) –, mas buscaremos o elo entre ancestralidade, identidade, ofícios e vestimenta. Em relação às populações que percorreram o Uruguai, há diferentes dados, relatos, livros e artigos sobre os primeiros povos autóctones (Díaz, 1891; Klein, 2007; Garcia; Milder, 2012; Colvero; Silva; Vidal, 2016), mas pouco se encontra sobre a relação destas primeiras comunidades com os ofícios e os tecidos.

A partir do contato com os indígenas, os colonizadores relataram que, em grande parte do tempo, estes encontravam-se nus (Garcia; Milder, 2012). Sabe-se que as regiões do Brasil, do Uruguai e do Paraguai eram habitadas por povos autóctones caçadores-coletores e não, como na área central das Américas, por sociedades agrícolas bem desenvolvidas. Entretanto, havia relatos do domínio do plantio; da confecção, a partir de plantas, de fios empregados na fabricação de ferramentas e de armas;

e da confecção, a partir de peles de animais, de roupas para a proteção durante as épocas mais frias.

Os cabelos soltos e eriçados [dos Minuanos] de que procede não crescerem muito, cobertos pelas costas até os calcanhares com os “cayapis” ou grandes mantas de couro descarnado e sovado, com o pêlo para o corpo e o carnal para a parte de fora, atados com uma tira do mesmo couro por cima dos ombros e por diante do pescoço, envolvidos desde a cintura até o joelho com volta e meia de pano de algodão, são estas as suas gerais vestimentas (Spalding, 1969, p. 221).

Contudo, não há dados ou relatos específicos que comprovem que estes panos foram tecidos por estes indígenas. Há menções à prática de escambo, com produtos como tabaco, aguardente, facas e panos de algodão (Spalding, 1969). Conforme podemos verificar em obras, como a transcrição tipográfica das línguas e dos costumes dos charruas, elaborada em 1938 pelo Professor Sixto Perea y Alonso, devido às intempéries das estações, os indígenas vestiam-se com uma espécie de poncho, que faziam de animais silvestres – o *quillapi*, *kiyapi* (Díaz, 1891) ou *cayapi* (Garcia; Milder, 2012).

Os *Cayapis* eram curtidos em gordura animal para que ficassem flexíveis e acomodassem melhor ao corpo (Becker, 2002; Mazz; Bracco, 2010) e sua decoração podia variar, nem sempre sendo pintados com listras horizontais e verticais de vermelho e cinza. Becker (2002) informa que, algumas vezes, eles eram pintados de branco e decorados com quadrados, losangos e triângulos pintados em vermelho e azul acinzentado. Outras variações dessas gravuras provavelmente existiram, porém não foram vistas ou documentadas pelos cronistas (Garcia; Milder, 2012, p. 45).

Grande parte da bibliografia pesquisada refere-se ao povo charrua, grupo de grande importância e presença no território conhecido como banda oriental, durante o período revolucionário (Corte, 2017). Caçadores e agricultores, os charruas viviam em uma região conhecida como “*Banda de los charruás*”. A presença dos charruas no Rio da Prata também é documentada. O povo charrua possuía técnicas avançadas de agricultura. Há indícios arqueológicos que comprovam a prática da cerâmica.

Estes selvagens (...) eram de cor vermelha, tinham o cabelo enredado em três tranças e o rosto muito desfigurado com várias perfurações nos seus queixos, nas quais tinham atravessados ossos redondos em forma de taco ou cavi-lha. Tinham também perfurações no meio do nariz, de tal forma que não se diferenciavam as narinas, igualmente nas orelhas onde eles metiam dentes de cerdos, muito estranho de olhar. São de poucas palavras; andam completamente nus durante o verão, mas no inverno eles têm um traje feito com as peles cruas de animais selvagens, 5 ou 6 costuradas juntas (Ottsen, 1603, p. 37 *apud* Aguiar; Oliveira; Pereira, 2010, p. 20).

A chegada de europeus no início do século XVII em território uruguaio modificou a demografia, o habitat e os costumes dos indígenas locais. Esta terra era chamada

de “*tierra sin ningún provecho*” pelos conquistadores europeus que a colonizaram, tendo fundado a cidade de Montevideu (Corte, 2017). Entretanto, verificamos que a bibliografia a respeito sempre se refere ao contexto extrativista em que estava inserida a relação entre europeus e indígenas.

2.1. Perseguições e apagamento como lugar comum

Com o tempo, os povos nativos foram perseguidos pelas diferenças socioculturais e dizimados pelas doenças que o homem branco trouxe. “A resistência dos povos indígenas da Banda Oriental à exploração de sua mão de obra seria uma das “justificações” pela qual foram exterminados” (Corte, 2017, p. 40). A história inicial do Uruguai e a relação dos indígenas com os europeus foram marcadas pela resistência indígena. Não houve submissão ameríndia (Garcia; Milder, 2012). Estes povos indígenas não foram submissos e não aceitaram ser civilizados, ao contrário do que ocorreu com os guaranis (Corte, 2017). Para determinados autores, mesmo com o contato entre estes dois universos, o que se caracterizava como costume local à época seria proveniente da cultura dos europeus e não dos indígenas (Aguiar; Oliveira; Pereira, 2010).

Tudo que caracteriza a vida rural durante o período colonial veio de fora, argumenta Alberto zum Felde, era de origem espanhola: como o cavalo, o facão, a bota de couro, a guitarra, nem o churrasco era criação dos Charruas. Até mesmo as boleadeiras, armas consideradas tipicamente charruas, na verdade são artefatos usados por todas as tribos do Sul, do Paraguai até a Patagônia, e não especificamente dos Charruas (Felde, 1920, p. 12 *apud* Aguiar; Oliveira; Pereira, 2010, p. 21).

A este respeito, notam-se diferentes posições nos relatos sobre o povo charrua. “Não existe uniformidade e muito menos unanimidade sobre quem eram os Charruas e qual seu papel na formação da identidade nacional e cultural dos uruguaios e dos Gaúchos” (Aguiar; Oliveira; Pereira, 2010, p. 17). Nestes primeiros séculos da colonização, a ideia era trazer os indígenas locais para o lado dos espanhóis contra os portugueses. “Os “infiéis” eram então: aliados estratégicos diante do avanço português, com os quais era necessário manter relações pacíficas, porque estas garantiam relações de colaboração e troca que beneficiavam à sociedade colonial” (Corte, 2017, p. 81).

Os guaranis ajudaram os espanhóis, defendendo a cidade de Colônia do Sacramento dos portugueses. Auxiliaram, ainda, na criação de gado local e na construção da cidade de Montevideu. Assim, os guaranis deixaram uma herança histórica e sociocultural ao país – a cultura do mate, a criação do gado e determinados nomes nativos, que permaneceram conectados à iconografia local, como Paysandú e Tacuarembó. De fato, o próprio nome Uruguai tem origem guarani (Corte, 2017).

Conforme o projeto colonial ia crescendo durante o século XVII, os relatos dos europeus sobre os charruas continuavam a assinalar a dificuldade na convivência e o fato

de que os indígenas não aceitavam o projeto evangelizador proposto pelos jesuítas e colonos (Corte, 2017). A presença indígena passou a incomodar os colonizadores na formação dos estados (Precht; Timm, 2011).

No século XVIII, houve um processo avassalador de conquista e extermínio dos indígenas. Todas as ações dos charruas contra a sociedade passaram a ser vistas como desrespeito. Havia necessidade de ocupar e de defender o território e os não indígenas passaram a concordar que os indígenas não tinham vocação para a paz. Assim, “[...] os indígenas vão sendo representados no imaginário da burocracia colonial do modo que a perseguição, a guerra, a matança e a prisão deles serão justificativas para obter a pacificação do médio rural” (Corte, 2017, p. 98).

Com tantas experiências fracassadas em apaziguar a relação com os indígenas, os não indígenas – a quem Darcy Ribeiro (2016) denomina como *povos transplantados* – acabariam por aniquilar, a partir de 1831, os charruas. Conhecido como “extermínio dos indígenas em Salsipuedes”, este período fundou o mito do Uruguai europeu e branco, do qual as próximas classes dirigentes iriam se nutrir e, a partir do qual, iriam prosperar. A maioria dos que sobreviveram a esta enorme matança foram crianças e mulheres, que acabaram sendo explorados. Os indígenas que permaneceram foram diluídos na sociedade camponesa e acabaram optando pela “[...] miscigenação, o ocultamento e a fuga” (Corte, 2017, p. 11). Com o decorrer da construção identitária do país, tornou-se necessária a “[...] elaboração de narrativas nacionais sobre a identidade, [e] a estratégia foi a de apagamento e negação da existência cultural, social e até individual dos Charrua” (Corte, 2017, p. 11).

Todas as narrativas encontradas sobre a identidade nacional uruguaia demonstram como estas memórias foram apagadas durante os séculos. A colonialidade determina o processo de constituição identitária do Uruguai e da indústria têxtil uruguaia (que passaremos a chamar de ITU), cujo início ocorre com a industrialização, em um projeto idealizado de acordo com a cultura europeia local. Os valores autóctones foram intensamente desprezados.

2.2. A formação da indústria têxtil uruguaia

A ITU teve início somente no final do século XIX, em 1890, segundo Magdalena Bertino (1996, p. 150). Anteriormente, grande parte dos têxteis vendidos no país eram importados (Camou, 2003).

Nenhum desses projetos foi executado e o início da indústria têxtil teve que esperar até 1890, quando foi instalada a Fábrica Uruguaia de Alpargatas, cuja produção era parte têxtil, e em 1898, quando foi instalada Salvo Hnos., a primeira fábrica de panos do país. Não há história artesanal de manufatura têxtil no Uruguai como aconteceu no norte da Argentina. A indústria têxtil uruguaia nasceu em forma de fábrica (Bertino, 1996, p. 150, tradução nossa).

Para Bertino (1996, p. 151), o início tardio deve-se também à demora no processo de modernização da economia local, relacionada à instabilidade política e às dificuldades de se organizar um estado independente. Segundo a autora, “[...] não existia mão de obra qualificada e nem técnicos com conhecimentos para comandar e cuidar das máquinas” (Bertino, 1996, p. 151, tradução nossa). Também não havia capital disponível ou crédito para a inversão industrial.

Até o início do século XX, ainda não havia no país uma indústria de fios de lã. A primeira empresa – Salvo, Campomar e Cia. – foi criada em 1906. Neste primeiro momento, as casas importadoras recusaram-se a vender e distribuir os têxteis locais e opuseram-se às medidas protecionistas do país (Bertino, 1996, p. 152). As fábricas de fição de lã penteada e de tecidos de lã, que possuem grande importância local, iniciam seu processo de produção na segunda década do século XX (Bertino, 1996, p. 152). Neste momento, posicionou-se como a segunda indústria mais importante do país, com grande incidência no mercado interno e externo (González; Picco, 2009).

Contudo, a crise de 1929 teve grande influência na América do Sul e afetou fortemente a indústria local uruguaia, que, devido às políticas internas, conseguiu se recuperar, retomar o seu crescimento e alcançar o seu apogeu no final da Segunda Guerra Mundial e início da década de 1950.

A crise de 1929 a afetou fortemente, mas conseguiu se recuperar e crescer rapidamente, graças às políticas protecionistas e de substituição de importações do Estado, que concentraram uma grande massa de mão-de-obra nas fábricas têxteis, principalmente feminina (González; Picco, 2009, p. 2, tradução nossa).

Segundo Bertino (1996), este mercado no Uruguai chegou a ter 18% do valor bruto das produções industriais, ocupar 13% dos trabalhadores industriais e gerar 12% da massa salarial industrial deste período. De acordo com María Magdalena Camou (2003, p. 84, tradução nossa): “O setor industrial se viu favorecido por uma série de medidas de proteção das estatais, que contribuíram para este desenvolvimento”. A legislação protecionista uruguaia, aplicada no período anterior a 1930 privilegiou a indústria têxtil (Camou, 2003, p.84).

No entanto, nos anos 1950, o setor da lã, que havia se beneficiado no período da Segunda Guerra Mundial com as exportações, se viu em queda devido a diferentes crises e a mudanças no mercado externo e nas políticas protecionistas. Devido aos altos custos fixos, à capacidade ociosa e à rigidez diante das políticas de proteção interna, estas empresas passaram, nas décadas seguintes, por momentos ainda piores (Camou, 2003). Como alternativa à crise no setor da lã houve a entrada das fiações de algodão e de fibras sintéticas, como estratégia para fortalecer a ITU. Porém, a estagnação econômica do país desacelerou seu mercado interno.

Nos anos 1970, durante o marco militar, a ITU voltou a crescer por iniciativas de promoção às exportações e por uma grande renovação tecnológica, que ocasionou a diminuição dos empregos (González; Picco, 2009). Com isso, deu-se o retorno ao artesanato. Muitas pessoas passaram a trabalhar por conta própria, criando seus

produtos. Em 1985, após a ditadura e com problemas internos relativos à desregulamentação do trabalho, o setor conseguiu firmar internamente um convênio entre associações. Nos anos 1990, com os acordos que deram vida ao Mercado Comum do Sul (Mercosul), o Uruguai começou a especializar-se na fiação e na tecelagem. Mas, o setor nunca retomou o status que detinha no início do século XX. Como um todo, perdeu participação na indústria de transformação e, também, valor na economia uruguaia.

Desde o início do século XXI, as novas gerações de designers continuam a formar a identidade local. Mantêm características de formas simples, com detalhes e trabalhos manuais, processos artesanais e sustentabilidade. Atualmente, no setor da moda e do têxtil, existem projetos que já dialogam com as práticas e os saberes decoloniais. Marcas com metodologias projetuais que fomentam a identidade local, com características de ancestralidade, valorizando matérias-primas locais e memórias de ofício, com valor na prática sustentável. A sustentabilidade vem para repensar os modos de produção, por meio do emprego de técnicas e processos têxteis herdados de ancestrais, a fim de realocar a produção, valorizar marcas locais e utilizar novas matérias-primas, que podem englobar desde tecidos orgânicos ao tingimento natural com matéria-prima nacional.

Todavia, cabe ressaltar que o setor têxtil uruguaio encontra dificuldades, pois existem poucas políticas que promovem o desenvolvimento da indústria da moda local. Os novos designers encontram um mercado em que não há materiais e insumos de moda, os quais, além de raros, têm custos elevados. Necessitam de iniciativas públicas e privadas, para promover o setor têxtil e o setor de vestuário, além da criação de associações ligadas ao governo e de uma união do setor.

3. O papel da educação na reconstrução da memória

A Universidade ORT Uruguay, localizada em Montevidéu, é uma das instituições de ensino superior mais importantes do Uruguai. Conta com cinco faculdades: Administração e Ciências Sociais, Arquitetura, Comunicação e Desenho, Engenharia e Educação. No final de 2015, os autores passaram a integrar o corpo docente do Curso de Moda da universidade, na matéria de Desenho e Produção de Eventos de Modas, somando-se a duas professoras uruguaias, Magdalena Vilaró e Lucia Büchner. Nesta matéria, as alunas têm por objetivo produzir um evento de moda, buscarem apoio e patrocinadores, para apresentar e promover os produtos e uma coleção que foram elaborados pela turma. A ideia e o papel dos professores é propor uma temática, conduzir e orientar as estudantes durante o semestre.

De 2016 a 2023, as temáticas tinham o intuito de contribuir com histórias, iconografia e memórias locais, com o intuito de sensibilizar e ensinar as estudantes um pouco da sua própria história. Todos os eventos acabaram sendo muito mais do que somente um evento de moda, tornando-se uma plataforma para contar as riquezas culturais deste país. Cada um dos projetos contou com diferentes conteúdos, cada um com uma inspiração e temas diferentes.

O foco deste projeto no Uruguai é gerar um patrimônio de identidade, reivindicando os ofícios típicos do país, que fazem parte da evolução nacional e, também, das raízes do pouco que se manteve de sua ancestralidade – lembrando que os povos autóctones foram dizimados e tiveram sua cultura desprezada. Em todas as edições, há uma pesquisa contextual, imagética e vídeos promocionais que contam sobre a pesquisa, os processos, as profissões, a cultura e a memória do ofício. É preciso destacar que todos os eventos são realizados em pontos icônicos da cidade, como por exemplo: o principal museu de etnografia local, o mercado público, um planetário e até o principal estádio de futebol.

Em 2016, foi organizado o evento *Crude*, um desfile de moda com 4 projetos que falava de pertencimento e poderia envolver qualquer mito da iconografia uruguaia – com temas sobre o vinho, a indumentária do gaúcho, o bairro sur e pedras uruguaias. A ideia principal deste projeto era destacar a riqueza das matérias primas e os ofícios que fazem parte do cotidiano deste país. Destacar a importância da lã, do vinho, do artesanato feito com couro, da tecelagem, da feltragem e do tingimento. Dentro deste projeto foram feitas captações audiovisuais com artesão locais e mostrando um pouco do amor pelo ofício praticado. Estes desfile foi apresentados no principal museu etnográfico de Montevideú, o MAPI.

Em 2017, a arquitetura local foi o tema principal do evento *Átide*. Uma das coisas que mais nos impressiona quando estamos em Montevideú é a arquitetura local, as fachadas das casas, sua conservação e as mistura dos períodos: art déco e art nouveau. Neste semestre a arquitetura veio como mote para as alunas irem atrás da história que há por trás de grandes ícones da arquitetura do país, como Eladio Dieste, Viñoli, Vilamajó, etc. Foram 4 coleções que buscaram inspirações na arquitetura e trouxeram um desfile buscando um elo entre o novo e o antigo.

Em 2018, com a Copa do Mundo de futebol, o olhar foi para os esportes e todos os expoentes locais no evento *Brío*. O Uruguai é um país que o futebol tem uma importância muito grande também e a copa veio como inspiração para este ano, como pensar no esporte e em uma coleção de moda trazendo tecnologia, identidade e pertencimento. E nada melhor do que ter o maior estádio local para apresentar a coleção.

Já em 2019, o projeto *Ritma* trouxe para a moda estilos de danças conhecidas culturalmente no Uruguai, como o *candombe* e o *pericón*. Neste projeto as alunas foram atrás de dançarinos para não somente pensar em um produto de moda, mas uma roupa que atendesse a este público. A passarela deste projeto foi apresentada nos salões do club Uruguay, e entre um desfile e outro tinha a apresentação e documentação das danças uruguaias que foram utilizadas de inspiração para este semestre.

E, em 2020, o tema foi ancestralidade, com a busca por inspirações nos povos autóctones, para uma coleção de moda e um curta-metragem exibido, em meio à pandemia, por meio de um telão na modalidade *drive-in*, a saber cinema ao ar livre. Com uma enorme produção e uma gigante qualidade digital. O projeto seguiu inabalável durante os anos de distanciamento social, investigando a flora local e também projetando o território no futuro pós-pandêmico.

A cada semestre são apresentadas de três a sete coleções de roupas, baseadas em valor tátil e design inovador. As coleções nascem dos costumes típicos do país, focando em diferentes áreas. Desde o início há uma concepção e uma metodologia projetual. Todas as maquetes têxteis são produzidas a partir de uma pesquisa e de um projeto têxtil, baseando-se em artesanatos e ofícios tradicionais. As alunas trabalham com lã para construir feltros e teares; perfuram e recortam couros; estampam e bordam diferentes artefatos têxteis. Há orientação artística e de comunicação e, exceto o tema principal, todos os conceitos, os enredos, as silhuetas, o evento, a divulgação e tudo o que envolve esta apresentação são criados pelas alunas. Os cinco projetos foram desenvolvidos por mulheres e grande parte delas compõe o mercado de moda nacional, ou seja, continuam a promover a identidade local, buscando na moda uma ferramenta de comunicação.

Todos os projetos ganham destaque local, chamando a atenção dos principais expoentes do mercado de moda uruguaio, sem contar a imprensa local e internacional. Todo o conteúdo tem destaque pelo formato em que foi idealizado e desenvolvido. Neste projeto há ênfase desde a identidade até às tecnologias envolvidas, para criar superfícies e beneficiamentos, além de projetos sustentáveis. Muitos estudantes levam este momento para a vida toda. As marcas buscam alternativas para criarem não somente produtos, mas uma responsabilidade social. Já um estudante termina a faculdade procurando se inserir no mundo e, a partir disso, com uma perspectiva diferente e pensando em uma prática decolonial.

O design, com estas perspectivas decoloniais, vem para discutir e experimentar transições sociais e ambientais. Estas perspectivas, para as áreas da profissão, vêm para vislumbrar um novo mundo com práticas e saberes voltados à identidade e à economia local, criando, com isso, um processo diferente do que foi imposto anteriormente. Verificamos que, atualmente, inicia-se a busca pela reivindicação da identidade local charrua, minuane, bohan, yaro e guarani.

Referências

- Aguiar, Rodrigo Luiz Simas de; OLIVEIRA, Jorge Eremites; PEREIRA, Levi Marques (Org.). **Arqueologia, Etnologia e Etno-história em Iberoamérica**: fronteiras, cosmologia, antropologia em aplicação. Dourados: Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, 2010. 351 p.
- Bertino, Magdalena. Los orígenes de la industria, textil uruguaya y sus vínculos con Argentina y Brasil. **Ciclos**. Buenos Aires, v. 6, n. 11, p. 149-161, jul./dez., 1996. Disponível em: <http://bibliotecadigital.econ.uba.ar/econ/collection/ciclos/document/ciclos_v6_n11_07>. Acesso em: 21 abr. 2021.
- Camou, María Magdalena (2003). El desarrollo de la industria textil en Uruguay entre la Gran Depresión y la Segunda Posguerra Mundial: coyuntura empresarial y políticas económicas. **Revista de Historia Industrial**. Barcelona, [s.v.], n. 24,

- p. 81-113. Disponível em: <<https://revistes.ub.edu/index.php/HistoriaIndustrial/article/view/19484>>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- Canclini, Néstor García (2019). **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução: Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4 ed. São Paulo: Edusp. 388 p.
- Colvero, Ronaldo Bernardino; SILVA, Jeremyas Machado; VIDAL, Viviane Pouaey (2016). Etnografias das etnias Charrua e Minuano: o olhar dos cronistas e viajantes dos séculos XVI, XVII e XVIII. **Revista Memore**. Santa Catarina, v. 3, n. 2, p. 22-43, mai./ago.. Disponível em: <http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memore_grupep/article/view/4037>. Acesso em: 4 mai. 2021.
- Corte, Jose Ignacio Gomeza Gómez (2017). **Em busca da memória e da identidade**: a resistência do povo Charrua no Uruguai. Orientador: Jose Ribamar Bessa Freire. 2017. 175 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.memoriasocial.pro.br/documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/Diss412.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2021.
- Díaz, Eduardo Acevedo (1891). Etnología indígena: la raza charrúa a principios de este siglo. **Diario La Época**. Montevideu, v. 7, n. 8/9, ago..
- Durand, Gilbert (2012) **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Tradução: Hélder Godinho. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes. 552 p.
- Durand, Gilbert (2004). **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Tradução: Renée Eve Levié. 3 ed. Rio de Janeiro: Difel. 128 p.
- Escobar, Arturo (2004). Beyond the Third World: Imperial Globality, Global Coloniality, and AntiGlobalization Social Movements. **Third World Quarterly**. Carolina do Norte, v. 25, n. 1, p.207-230. Disponível em: <<https://www3.nd.edu/~druccio/Escobar.pdf>>. Acesso em: 2 mai. 2021.
- Galeano, Eduardo Hughes (2019). **As veias abertas da América Latina**. Tradução: Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM Editores. 400 p.
- Garcia, Anderson Marques; MILDRE, Saul Eduardo Seiguer (2012). Convergências e divergências: aspectos das culturas indígenas Charrua e Minuano. **Vivência**: Revista de Antropologia. Rio Grande do Norte, v. 1, n. 39, p. 37-49. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/1933/1373>>. Acesso em: 2 mai. 2021.
- Goldenberg, Mirian (2004). **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 8 ed. Rio de Janeiro: Record. 111 p.

- González, Marcela; Picco, Alejandra (2009). **La industria textil uruguaya: em manos de la “zafralidad”**. Instituto Cuesta Duarte, PIT CNT. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/es/document/view/10326742/la-industria-textiluruguaya-en-manosde-la-zafralidad-solidar>>. Acesso em: 2 mai. 2021.
- Hall, Stuart (2006). **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Ta-deu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A. 104 p.
- Klein, Fernando (2007). El Destino de los Indígenas del Uruguay. **Nómadas**: Revista Crítica de Ciencias Sociales y Jurídicas. Madri, [s.v], n. 15, p. 33-38, jan./jun. Disponível em: <<https://revistas.ucm.es/index.php/NOMA/article/download/NOMA0707120377A/26575>>. Acesso em: 14 abr. 2021.
- Laver, James (2002). **A roupa e a moda**: uma história concisa. Tradução: Gloria Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras. 288 p.
- Lipovetsky, Gilles (2009). **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução: Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 352 p. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trec-hos/80124.pdf>>. Acesso em: 2 mai. 2021.
- Neira, Luz García (2013). Design, educação, cultura: origens do projeto têxtil no Brasil. **Revista Brasileira de História da Ciência**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 78-88, jan./jun. Disponível em: <https://www.sbh.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=998>. Acesso em: 4 mai. 2021. PEZZOLO, Dinah Bueno (2017). **Tecidos**: história, tramas, tipos e usos. 5 ed. São Paulo: Global. 328 p.
- Prado, Maria Ligia (2021). **Utopias latino-americanas**: política, sociedade, cultura. São Paulo: Contexto. 416 p.
- Precht, Anna liza; TIMM, Carolina (2011). **A saga dos índios Charrua**: uma retrospectiva histórica da etnia pampeana até a sua dizimação. Ensino da Reportagem. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/ensinodareportagem/cidades/charrua.html>>. Acesso em: 4 mai. 2021.
- Quijano, Anibal (2005). **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**. Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (Clacso). Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sursur/20100624103322/12_Quijano.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2021. RIBEIRO, Darcy (2017). **América Latina**: a pátria grande. 3 ed. São Paulo: Global. 136 p.
- Ribeiro, Darcy (2016). **Configurações histórico-culturais dos povos americanos**. 2 ed. São Paulo: Global. 168 p.
- Said, Edward W. (1990) **Orientalismo**: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução: Tomás Rosa Bueno. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras 372 p. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861897/mod_resource/content/1/said%20edward%20w%20%20orientalismo.pdf> Acesso em: 18 abr. 2021.

- Santín, Florencia Gallota (2017). **Desafíos de la moda local**: el rol del diseñador textil frente a la crisis de competitividad del sector de la confección del tejido plano en la Industria Textil uruguaya. Orientador: Ariel Beltrand. 213 f. Dissertação (Graduação em Desenho Têxtil) – Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Universidad de la República, Montevideu, 2017. Disponível em: <<https://www.colibri.udelar.edu.uy/jspui/handle/20.500.12008/9929>>. Acesso em: 2 mai. 2021.
- Schwarcz, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel (2015). **Brasil**: uma biografia. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 808 p. Disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/13865.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2021.
- Spalding, Walter (1969). Dicionário do “Diário Resumido e Histórico” de José Saldanha. **Revista de História**. São Paulo, v. 38, n. 77, 39 p. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/128556/125390>>. Acesso em: 14 abr. 2021.